

AS MENSAGENS PARA FÁTIMA E O “COLO” ACOLHEDOR DE N. SENHORA DE FÁTIMA

THE MESSAGES TO FATIMA AND THE WELCOMING "LAP" OF OUR LADY OF FATIMA

Manuel Gama

Centro de Estudos Humanísticos e Departamento de Filosofia da Universidade do Minho, Braga, Portugal. ORCID: 000-0003-1447-4031

mrcgama@elach.uminho.pt

O nosso trabalho tem, fundamentalmente, como objeto de estudo, e de interpretação, algumas das cerca de oito milhões de mensagens, enviadas para Nossa Senhora de Fátima (Santuário de Fátima, em Portugal), e guardadas no Arquivo do Santuário de Fátima. Apoiando-me nos dados disponíveis, concluí duas evidências: por um lado, o papel central da figura feminina de Nossa Senhora de Fátima em todas as mensagens, estabelecendo-se com a Senhora-Mãe uma intimidade relacional de cariz sagrado de rosto feminino, nela confidenciando os pedidos, os desabafos e as encomendas espirituais e materiais; por outro lado, a maioria da correspondência, enviada para Fátima, era advinda de mulheres. Coloca-se a questão, que será também objeto de análise: no caso concreto português – no período em análise –, de situação ditatorial e de guerra colonial, de vasto analfabetismo, podemos fazer uma leitura com conotações de género no domínio do religioso? E que leituras culturais, sociais, religiosas, filosóficas, nos é legítimo depreender a partir do conteúdo das referidas mensagens?

PALAVRAS-CHAVE: Fátima. Mensagens. Mistério. Matriarcado. Mestres da Dúvida.

Our work has, fundamentally, as object of study, and interpretation some of the approximately eight million messages sent to Our Lady of Fatima (Fatima Sanctuary in Portugal), and kept in the Archive of the Shrine of Fatima. Based on the available data, I concluded two evidences: on the one hand, the central role of the feminine figure of Our Lady of Fatima in all the messages, establishing with Our Lady-Mother a relational intimacy of a sacred nature with a feminine face, confiding in her requests, ventures and spiritual and material orders; on the other hand, the majority of the correspondence sent to Fatima came from women. The question arises, which will also be the object of analysis: in the specific case of Portugal - in the period under review -, with its dictatorial situation and colonial war, and vast illiteracy, can we make a reading with gender connotations in the field of religion? And what cultural, social, religious and philosophical readings can we legitimately deduce from the content of these messages?

KEY WORDS: Fatima. Messages. Mystery. Matriarchy. Masters of Doubt.

«A forma como os crentes escrevem permitirá outra linha de reflexão: o simbólico maternal como referência de acolhimento incondicional e, por isso, de construção do divino. Hiperboliza-se o carácter maternal da entidade a quem se dirigem, simbolicamente representada no contexto da devoção mariana católica. Esta intimidade relacional com um sagrado de rosto feminino merece também ser estudada, podendo ampliar a relevância de Fátima enquanto fenómeno com impacto global e transreligioso» (Franco, 2020, p. 211).

1. Introdução: enunciado do assunto e estado da arte

No Arquivo do Santuário de Fátima estão depositadas cerca de 8 milhões de mensagens, organizadas em mais de 350 metros lineares de estantes, com consulta livre aos anos anteriores ao início da década de setenta (interditos os últimos 50 anos), e, compreensivelmente, com determinados critérios para a revelação dos dados dessas mensagens. Perante um manancial de documentos tão vasto e tão rico fica-se um pouco esmagado e pergunta-se: o que fazer? Quem envia essas mensagens? Pode fazer-se um perfil geral dessas pessoas? Qual o conteúdo das mensagens? Haverá contributos para o conhecimento da natureza humana?¹ Os caminhos a seguir podem ser vários: por exemplo, fazer pesquisas aleatórias e tentar configurar quadros; fazer leituras de género; tentar configurar a realidade social de Portugal em determinadas épocas; seleccionar alguns conteúdos de mensagens que estejam diretamente relacionadas com a Guerra Colonial portuguesa (1961-1974), etc.

Para se encetarem caminhos, tem de se ter acesso às referidas mensagens, o que é possível, como referimos. Por enquanto, do que temos conhecimento, até ao momento da redação deste estudo, e a partir do trabalho aturado de leitura dessas mensagens, apenas foi feita uma única edição em livro, de António Marujo, *A caixa de correio de nossa senhora* (2020)², (com capítulo final de Joaquim Franco), assim como um outro estudo, de Graça Alves, em revista periódica, para além das reportagens na SIC e dos artigos no *Expresso*, por Joaquim Franco-António Marujo, onde são transcritos excertos de mensagens e feita alguma interpretação.³ No livro de António Marujo são dedicados cerca de dois terços dessa sua obra ao tema da binomia guerra-paz, sobretudo em relação a Portugal (Guerra Colonial) e ao conflito mundial (II Guerra Mundial). Já a professora e investigadora no Centro de Estudos de História do Atlântico (Funchal), Graça Alves – inspirada na Exposição sobre este tema, que decorreu no Santuário de Fátima⁴, em 2014-

¹ Perante tal situação, faço minhas as palavras de Graça Alves: «Face aos documentos que tinha à minha frente, foi necessário formular o problema donde partiria o meu olhar. E perguntas. Muitas. Sem resposta» (Alves, 2017, p. 8).

² Marujo, A. (2020). *A caixa de correio de nossa senhora*, Lisboa: Temas e Debates. No ano seguinte, o mesmo autor, a propósito do conteúdo do seu livro, publicou artigos em Londres e em Madrid, a que fazemos as devidas referências finais.

³ *Expresso/Revista E*, 4 de janeiro e 1 de fevereiro de 2020, e reportagens emitidas na televisão SIC, em 9 e 16 de janeiro de 2020.

⁴ Entre novembro de 2014 e outubro de 2015, a exposição “Neste Vale de lágrimas”, patente no *Convivium de Santo Agostinho*, no Santuário de Fátima, apresentava uma coleção de documentos recolhidos no recinto

2015 –, publicou um artigo, mas a partir de uma pesquisa bastante restrita⁵, tal como acontece no nosso caso.⁶

2. Sobre o conteúdo das mensagens

Partindo dos trabalhos de consulta das mensagens, feitos por António Marujo, Joaquim Franco, Graça Alves e por mim próprio, e fazendo uma análise tanto quanto objetiva, podemos agrupar os assuntos em alguns domínios mais gerais. Um desses campos é o da binomia guerra-paz, trazido à luz por António Marujo. O período por ele analisado, da década de quarenta até aos inícios da década de setenta do século XX, passa por acontecimentos muito sensíveis: repercussões da Guerra Civil de Espanha, II Guerra Mundial, Guerra Colonial portuguesa, Guerra Fria (em que um dos protagonistas era apresentado como o expoente da descrença ou antiteísmo), que tiveram maiores ou menores efeitos em Portugal. No entanto, nas mensagens por nós consultadas, dentro dos anos de 1966 e 1969, o tema das Guerras Coloniais não era frequente. Com o decurso das guerras (início em 1961, em Angola), será que houve como que uma conformação à situação bélica?!

Pareceu-nos evidente que, em muitas mensagens consultadas, não há propriamente um único acontecimento (cf. também Alves 2017, p. 9). No entanto, é possível traçar-se um denominador *quase* comum, ao tomarmos algumas expressões das duas mensagens seguintes. Uma, advinda de uma senhora do Porto: «converte os meus sogros»; «que mudes as ideias do meu marido de ir para fora»; «que arranjes um emprego ao meu marido»; «abençoa o nosso filho e faz que seja forte, saudável, perfeito, bom e manso»; «faz-me boa para todos, meiga, carinhosa, humilde, simples, modesta, calma e boa para com as minhas colegas»; e ainda alguns outros «pedidos».⁷ Outra carta, proveniente de Beja, de um jovem estudante: «Venho escrever-lhe para fazer alguns pedidos», como passar no exame, ter força e vontade para estudar, que a irmã tivesse cura, e ainda «para o pai se acalmar dos nervos e seja bom para todos», «que não morra muita gente da minha

do Santuário entre 1959 e 1963: desenhos, cartas, mensagens de tipologia diversa, em língua portuguesa; <http://nestevaledelagrmas.fatima.pt/galeria.php>

⁵ As mensagens, geralmente em forma de carta ou postal, estão organizadas por Caixas (Cx), Maços (Mç) e nº de Documento (nD). A pesquisa de Graça Alves restringiu-se à Caixa 33, enquanto a de António Marujo, percorreu várias Caixas e fez a consulta de cerca de 50 mil mensagens, maioritariamente em língua portuguesa.

⁶ A nossa consulta ficou-se pela Caixa 37, e incidiu sobre mensagens, quase exclusivamente, dos anos de 1966 e 1969, em língua portuguesa.

⁷ Cx. 0037, Mç 2; Porto, de 11-5-1966.

família», «que eu leve sempre positiva nos pontos», e ainda «que a minha mãe se ponha melhor e que arranje uma criada boa».⁸

O vocábulo “pedido” é talvez a palavra mais frequente nas mensagens. Há até quem peça desculpa à Mãe de andar sempre a pedir, mas vem fazer mais um, que o marido se cure de uma trombose.⁹

Se o usual é os pedidos serem para situações do devir, há pessoas que solicitam proteção para o porvir. Para o agora: «venho pedir-te que me resolvas certos problemas atuais», pedindo pela «juventude (principalmente portuguesa), pela conversão da Rússia, pelo Santo Padre, por todo o clero, por toda a minha família»; e, agora, solicitação com sentido profilático: «e ainda para que eu tenha a coragem necessária para enfrentar os futuros dissabores que a vida me trazer.»¹⁰ Ou, outra mensagem de menina colegial, que tenta pedir proteção para os problemas hipotéticos: para além de pedir resolução de assuntos presentes, solicita «forças e coragem para enfrentar todos os problemas que me podem surgir.»¹¹

A paleta de pedidos varia bastante. Tanto podem ser para aspetos concretos e reduzidos, como se abrange uma grande amplitude dos mais variados vetores da vida. Em carta, oriunda de Lisboa, uma jovem atinge quase o pleno de súplicas: acabar o curso do comércio – sem deixar disciplinas para trás –, um bom emprego com um ordenado «bastante bom», encontrar um «bom rapaz que tenha um futuro», ter «um menino e uma menina», que «os pais vivessem muito felizes», que curasse uma doença de pele, que «a minha irmãzinha tivesse um futuro sorridente», e que «toda a minha família tivesse saúde e trabalho.»¹²

Apesar de tudo, se o tom mais comum é de pedidos, nalgumas mensagens também se expõe o sentimento da gratidão, sem, no entanto, deixar de entrecruzá-lo com mais suplicados: «Em primeiro de te pedir o que te quero pedir, agradeço-te os benefícios e graças, que me tens concedido até hoje»¹³, escreve uma jovem estudante, residente no Porto, que acrescenta os seus pedidos, onde inclui o arredar de um pensamento do coração (não diz qual) e a ajuda para um exame. Ligado a este último pedido, faz também uma

⁸ Cx. 0037, Mç 2; Beja, de 11-5-1966.

⁹ Cx. 0037, Mç 5; de Loulé, 14-4-1969.

¹⁰ Cx. 0037, Mç 5; presumivelmente de 1969, pois não tem data nem local.

¹¹ Cx 0037, Mç 5; presumivelmente de 1969, pela chegada ao Santuário, pois não está datada nem localizada.

¹² Cx 0037, Mç 5; de Lisboa, de 9-5-1969.

¹³ Cx 0037, Mç 5; do Porto, de 31-5-1969.

espécie de “comércio religioso” com Nossa Senhora, pois se tiver sucesso no referido exame, em troca, na Capelinha de Nossa Senhora da Saúde (*sic*), cumprirá estas promessas: 6 voltas de joelhos à dita Capelinha; 6 voltas de pé enquanto rezo 6 terços; ir descalça e vir descalça e estar lá calçada enquanto cumpre a promessa. Ou estoutra jovem, a frequentar o Magistério de Vila Real¹⁴, que, apesar de pedir uma boa nota no fim do curso, diz comprometer-se a dar a Nossa Senhora o primeiro ordenado da sua profissão. Igualmente, pede ajuda para aspetos mais íntimos como o de «encontrar o rapaz dos meus sonhos, o rapaz ideal», que será o «pai dos meus filhos». Apesar de tudo, esta espécie de “troca comercial” não é comum nas mensagens por nós consultadas.

3. Sobre o perfil dos/as autores/as das mensagens

Primeiramente, é possível traçar um perfil de género. Das largas dezenas de mensagens, por nós lidas de forma consecutiva, dos já referidos anos de 66 e 69, conforme estão arquivadas, relativas a essa década de sessenta, um dado claramente se impõe, que é a nítida superioridade de mensagens provenientes de mulheres, em cerca de 89%, e só cerca de 11%, de homens.¹⁵ Dado que também é realçado por António Marujo, a que junta algo mais, traçando este perfil: quem escreve «tem sobretudo origens socioeconómicas baixas, é feminino e jovem.» (Marujo 2020, p. 29). É outro dado interessante, o facto de a juventude ser ainda mais marcadamente feminina (apenas cerca de 6% são de rapazes), o que também por nós foi constatado, a que acrescentamos a vertente de que em cerca de 31% dessas mensagens de jovens – algumas delas em papel timbrado de instituições particulares ligadas ao ensino –, há pedidos para, por exemplo, no 5º ano (atual 9º ano), dispensarem na secção de ciências e passarem à de letras, que os exames corram bem, que tenham «vontade para estudar» e «fazei que eu aprenda com facilidade o que estudo, e que no exame tivesse sorte e tirar nas duas secções uma média de 14 para que não houvesse o medo das orais pois necessito passar.»¹⁶ E também desta jovem visense, que pede «boas médias, fazer tudo seguido e com boas notas.»¹⁷ Ou seja, «As preocupações

¹⁴ Cx 0037, Mç 6; de Vila Real, 26-6-1966.

¹⁵ Estivemos em consulta dessas mensagens, no Arquivo do Santuário de Fátima, nos dias 28 e 29 de outubro de 2021. Nalguns casos (muito poucos), perante a ausência de qualquer identificação de género, fizemos a atribuição pelo tipo de letra.

¹⁶ Cx 0037, Mç 2; de Beja, de 11-5-1966. Recorde-se que, nesta época, o 5º ano era o “salvo conduto” para, por exemplo, tirar o curso do Magistério, para ser docente no então denominado Ensino Primário (os primeiros quatro anos de escolaridade). O que, a nível social, tinha muita importância.

¹⁷ Cx 0037, Mç 2; de Viseu, de 29-4-1966.

de muitos (ou muitas, para ser mais rigoroso) são os exames que se avizinham» (Marujo 2020, p. 29).

Esta dimensão de cerca de um terço das nossas leituras serem de cartas de meninas jovens (14-15 anos), geralmente a estudar em Colégios de freiras (supomos que em regime de internato)¹⁸, requer alguma leitura interpretativa. Por um lado, revelarão um maior ambiente de crença religiosa: tanto das suas famílias, ao darem preferência a Colégios religiosos; por outro, a instrução religiosa (a denominada “doutrina”), nesses Colégios, iria no sentido de incentivar a piedade mariana. A essa dimensão, acresce o problema do analfabetismo, que era muito forte em Portugal, mas com incidência mais alta entre as mulheres, apresentando este panorama na década de 1960: H, 26,6%; M, 39,0%.¹⁹ No entanto, se o número é para o conjunto das mulheres – tradicionalmente com muito menos frequência escolar do que os homens –, e as meninas frequentavam quase todas a escola, então, o número de analfabetas adultas e idosas era muito superior. Portanto, o grau de alfabetização das jovens era favorável à prática do envio de correspondência (mariana).

Relativamente às mensagens masculinas, nas cartas por nós lidas, centram-se mais no pedido para doenças próprias. Apenas uma é relativa à Guerra Colonial, e advém de um jovem de Torres Novas, que está de partida para a guerra de Angola, e pede proteção, sobretudo para os pais, em especial a mãe, pois «Ir para Angola não me afeta muito na medida que eu vou lutar pela pátria.»²⁰ Talvez fosse verdadeira a máxima desse tempo (e também hoje?) de que “as mães é que fazem as famílias”.

4. Tópicos conclusivos

Perante uma torrente de informação tão rica, nestes tópicos conclusivos iremos sublinhar um ou outro aspeto, que nos pareceu mais vincado, mas também sugerir algumas pistas de exploração, tomando em conta as mensagens já lidas, mas também a oferta de hipotéticas grelhas de interpretação para os milhões de mensagens que há por e para ler. Perante tal abundância, quase se fica esmagado com tanta informação. Que

¹⁸ Na mesma direção vai a conclusão de Graça Alves, ao afirmar que os escritos, por ela consultados, «Parecem, na sua maioria, ter sido escritos por jovens do sexo feminino, escolarizadas» (Alves: 15).

¹⁹ Dados da PORDATA:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517>.

Consulta em 02-11-2021.

²⁰ Cx 0037, Mç 5; de Torres Novas, de 12-5-1969.

horizontes futuros se podem vislumbrar e investigar? Joaquim Franco, que elaborou os artigos para o jornal *Expresso* e preparou as reportagens emitidas na televisão SIC, deixou já algumas pistas tais como, por exemplo, «analisar a evolução da religiosidade portuguesa vivenciada em Fátima ou com Fátima, a relação com a entidade Nossa Senhora de Fátima ou até a história das ideias sobre Fátima e a religião, em Portugal e no mundo.» Chamando ainda a atenção para a peculiaridade desde espólio ser composto por «testemunhos quentes», em que a expressão «intromissão na intimidade» tem, aqui, valor polissêmico e verdadeiro (Franco, *Apud* Marujo 2020, p. 209).

Realmente, há distinção entre o eu e o “si-mesmo” (mais íntimo): há alguns segredos, que se confessam aos humanos (sobretudo aos amigos mais íntimos), mas outros são inconfessáveis no nível imanente; são conteúdos tão íntimos – não dizíveis a humanos, por não se querer, ou por serem inefáveis –, que são transpostos para o patamar do transcendente. Ao finito, limitado, caduco..., do imanente, contrapõe-se o infinito, o consistente, o confiante..., do transcendente. Nas mensagens para Nossa Senhora de Fátima, de um modo geral, há uma *intimidade sem filtros* (muito maior do que o desnudar a intimidade do corpo e, mesmo, mais interior e íntima, das profundezas, do que a intimidade que se tem com pessoa da nossa amizade ou do nosso enlace amoroso).

Algumas cartas dão pequenos indícios de que havia mulheres/mães/esposas /noivas/namoradas, que, simplesmente, colocavam a vida/acontecimentos nas mãos de Nossa Senhora de Fátima. Nesta situação concreta, talvez em atitude próxima da disposição mística, num caso ou outro, tinham uma postura a tocar o inefável; apenas “estavam em espírito”, entregando-se ao Mistério. Ou seja, o silêncio como suprema radicalidade da experiência pessoal de Deus (como é próprio dos místicos). Mas este, como já referimos acima, não era o tom geral.

De qualquer modo, pensamos que, perante os milhões de mensagens, há muitos filões para explorar, e é nessa direção que, nos pontos seguintes, levantamos algumas possíveis pistas.

4.1. “A vida é difícil”

O psiquiatra e psicoterapeuta norte-americano, M. Scott Peck, que passou a vida a consultar pessoas, no seu livro *O caminho menos percorrido*, tem esta frase lapidar logo no início do corpo do texto: «A vida é difícil. Esta é uma grande verdade, uma das maiores

verdades.» (Peck 2018, p. 19). Como enfrentar, então, os sofrimentos, as contrariedades, os conflitos, as derrotas? De uma forma global, e tomando a definição, que teria sido dada por Camilo Pessanha (1867-1926), de que a Psicanálise é dizer e curar²¹, então, as pessoas, ao verbalizarem os seus problemas nas mensagens, de forma inconsciente, estavam a fazer a sua terapia psicanalítica.

Basicamente, as dificuldades da vida enfrentam-se a estes três níveis (com muitas matizes): a nível imanente, a nível transcendente, a nível imanente-transcendente. O primeiro, caracterizado pela luta *exclusiva* no aquém; no segundo, com uma abertura quase exclusiva ao Mistério, vendo nessa dimensão o essencial do seu viver (dentro do possível) e, como tal, entregam-se a uma vida recolhida de tipo clausural; o terceiro, uma osmose entre as duas dimensões. É sobretudo esta última vertente que nos ocupará aqui, pois, de uma forma direta, não tomamos a vida de tipo ateuista, nem a daqueles que entregam a *totalidade* da sua vida à contemplação, resguardados em Conventos ou Mosteiros.

4.2. A História é feita por todos

No pressuposto de que não são apenas os Grandes Homens que fazem a História da humanidade, mas “todos” contribuem²², embora a maior parte não deixe, nem fique em qualquer registo escrito, no caso em análise – as cerca de 8 milhões de mensagens enviadas para Nossa Senhora de Fátima –, nós temos elementos para fazer uma espécie de filigrana do pulsar da história através de milhões de pessoas sem nome em qualquer compêndio de História, que enviaram os seus pedidos, os seus desabafos, os enunciados das circunstâncias das suas vidas, os seus agradecimentos, etc., para Nossa Senhora de Fátima. Por aqueles pedaços de prosa, sentimos esse latejo da história de uma forma muito mais viva, mais quente, mais afetuosa. Aquela entidade divina funciona como um “regaço acolhedor” das dificuldades e agruras da vida. As mensagens são documentos da Terra, mas com uma abertura ao Mistério, onde, de uma forma geral, está presente um sentimento de esperança. Talvez sejam um modo de oração na religiosidade possível. Ou, de um prisma existencial, sejam uma forma de fazer face à vida, perante a qual, como escreveu Jean-Claude Barreau, ou rezamos ou nos drogamos.²³

²¹ No mesmo sentido vai a afirmação, que Pablo Neruda, Prémio Nobel da Literatura (1971), no seu livro de cariz autobiográfico, quando diz «Muitas das minhas recordações desvaneceram-se ao evoca-las [...]». Neruda, P. (2009). *Confesso que vivi*, Mem Martins: Publicações Europa-América, p. 7.

²² Graça Alves toma de Jim Sharpe a elucidativa expressão de «História vista de baixo» (Alves 2017, p. 9).

²³ Cf. Barreau, J.-C. (1976). *A oração e a droga*. Braga: Editorial Franciscana.

4.3. A vertente feminista (Matriarcado, Teologia)

Outros horizontes se podem abrir. Por exemplo, constatar que há toda uma envolvimento, quer na origem das mensagens, quer na figura central de Nossa Senhora, a Mãe do Céu, em torno do feminino (utilizando a tradicional divisão feminino-masculino). Apesar dos ainda poucos estudos realizados sobre as mensagens acessíveis, há horizontes conclusivos convergentes, como o dessa vertente feminina no conjunto deste processo, como referido, e que pode ser resumido assim:

Como ficou dito antes, algumas amostras aleatórias evidenciam que, consoante os anos, haverá uns setenta a oitenta por cento [70-80%] de mensagens enviadas por mulheres [...]. “O feminino é o polo da humanidade que mais facilmente se coloca na posição de pedir, de agradecer e de fazer a ponte com a divindade. Aqui, nestas mensagens, parece-me que também isso se pode confirmar”, observa Marco Daniel Duarte. (*Apud* Marujo 2020, p. 42)

Aliás, parece-me ser um dos núcleos mais fortes, se não mesmo o cerne conclusivo deste estudo, o da dimensão religioso-feminina: por um lado, a origem das mensagens (mais de quatro quintos das analisadas, vêm do mundo feminino), por outro, a figura da divindade é Nossa Senhora de Fátima ou Virgem Maria ou Mãe do Céu. E não se pense que a escrita das mensagens transparece iliteracia, pois há prosas de qualidade, bem construídas – quer morfológica, quer sintaticamente -, o que evidencia o domínio da língua portuguesa e, como tal, capacidade de expressar ideias e sentimentos. Para a interpretação mais simbólica, António Marujo recorre à psiquiatra Luísa Gonçalves e ao teólogo-bispo e historiador Carlos Azevedo, que dão explicações mais no contexto da Guerra Colonial, mas que se tornam operatórias para uma fundamentação mais geral. Para a psiquiatra, a figura materna (que pode aparecer sob a forma de mãe, de irmã, de namorada, de madrinha de guerra) «é uma figura protetora, de proteção quase mágica», é o «amor incondicional» (*Apud* Marujo 2020, p. 171) e Nossa Senhora é vista como «uma mãe grande, que protege e mimar. Que, independentemente da circunstância brutal que se está a passar [os cenários de guerra], dá uma força que anima, que dá sentido ao que não tem sentido: a brutalidade humana» (*Apud* Marujo 2020, p. 168). Por sua vez, Carlos Azevedo contribui também para o esclarecimento, acrescentando que «Quem escrevia era quem ficava. Os homens é que iam para a guerra, portanto elas é que ficavam cá. [...].

Depois há também a sensibilidade feminina que recorre, de modo mais imediato e espontâneo, à proteção divina.» (*Apud* Marujo 2020, p. 29).

No entanto, a maioria das mensagens, por nós analisadas, de um modo geral, não fazia referência à guerra e, com frequência, procediam de jovens que ainda não mostravam verdadeira consciência dessa barbaridade bélica. E ainda tem ênfase o facto de o analfabetismo ser muito forte em Portugal, e com incidência especialmente alta entre as mulheres, apresentando panorama confrangedor (na década de 1960: H - 26,6%; M - 39,0%), como referido anteriormente. Portanto, até este dado seria desfavorável à realidade encontrada, pois a escrita estava muito menos ao alcance das mulheres do que dos homens.

Portanto, o tal “colo acolhedor” aparece como mais natural na relação mulher-Mulher/Mãe. E, nessa dimensão imanente-transcendente, o “colo aconchegante” de Nossa Senhora de Fátima, a Virgem e Mãe de Jesus e do Céu, não era só para quem partia para a guerra; era também – e muitas vezes sobretudo – para quem ficava (mães, esposas, namoradas...).

A partir deste campo, da vertente feminina, pode extrapolar-se para algo de enormíssimo alcance, que é o matriarcalismo e as respetivas sociedades de cariz matriarcal. Tema a requerer profundas explorações e desenvolvimentos - que não faremos aqui -, mas que tem já longas explanações teóricas, sobretudo em autores internacionais (cf. Macedo 2005, pp. 126-127), nomeadamente na significativa produção bibliográfica do filósofo espanhol Andrés Ortiz-Osés (1943-2021), mormente através de uma renovada hermenêutica. Entre nós, Maria de Lourdes Pintasilgo (1930-2004), através de pequenos textos, mas sobretudo pela prática sociopolítica, foi uma figura que podemos englobar nesta mundividência. Assim como mencionamos os estudos de teólogos, como a portuguesa Teresa Martinho Toldy (Toldy, 1998 e 2005), ou a espanhola Isabel Gómez-Acebo (Gómez-Acebo, 2001), no âmbito da denominada Teologia Feminista.

4.4. – Os valores universais.

Fátima é um caldo de fenómenos, com vetores poliédricos e várias hermenêuticas possíveis e, como tal, «cada vez menos Fátima deve ser visto como um fenómeno unívoco» (Marujo 2020, p. 11). Apesar de tudo, por entre a diversidade de conteúdos das cartas, podem estabelecer-se denominadores comuns ligados às preocupações da família

humana e aos seus desejos e valores universais: ser feliz, ser melhor (melhor pessoa, melhor mãe, melhor pai, melhor esposa, melhor filho/a, ser mais humilde, ser mais prudente) – na linha do pensamento de J. J. Rousseau. Como, igualmente, está presente o valor da gratidão, em geral por «graças recebidas».

4.5. – Alimento para os filósofos Mestres da Dúvida?

Pensadores marcantes da segunda metade de oitocentos e inícios de novecentos, que foram agrupados com a designação de Mestres da Dúvida ou da Suspeita (Marx, Nietzsche e Freud), mas que, cada um, com linhas de pensamento próprio, tentou desconstruir os fundamentos e as práticas do Catolicismo, ao verem a religião, respetivamente, como “ópio do povo”; como realidade a requerer a proclamação da “morte de Deus”; como uma crença equivalente à expressão de mera “infantilidade” e “neurose coletiva”. Ou seja, esmiuçando os mecanismos da crença ou até “matando” o seu fundamento, como que, por encanto, como um castelo de cartas, todos os princípios da crença, e respetiva conduta, desmoronariam. Então, pode perguntar-se: perante a configuração possível da realidade portuguesa, do século XX, a partir das mensagens enviadas para Nossa Senhora de Fátima, é possível ver quadros mentais, sociais, culturais, que, passadas décadas, ainda poderiam alimentar as críticas daqueles pensadores? Tudo depende da leitura e suas hermenêuticas. É verdade que encontramos uma religião de sofrimentos, de sacrifícios, de resignações sem luta (Marx), um “Deus tapa buracos”, um “Deus dos álibis”, um Deus inimigo do corpo-amor, uma confiança cega num Ser que alimenta e justifica todas as condutas e “virtudes” morais vigentes (Nietzsche); vislumbrámos infantilidades “religiosas” em gente crescida, que passou a sua confiança dum pai terreno para um Pai divino (Freud). No entanto, há um pano de fundo, insondável, que não fica só no aquém, como veremos no ponto seguinte.

4.6. – A abertura ao Mistério

Apesar dos vislumbres possíveis, a partir da crítica dos Mestres da Dúvida, acabados de enunciar em forma de lampejo, encontra-se no âmago do conteúdo das mensagens, com grande evidência, um ideal: o pedir para serem “melhores pessoas”, na linha da noção de natureza humana de J. J. Rousseau, em que o homem é visto como um ser dotado de “perfetibilidade”. Por exemplo, entre as várias cartas de jovens meninas,

em “idade difícil” (etapa da transição da puberdade, da adolescência), que expressam a sua fé e esperança no Mistério, recorrendo ao Seu auxílio através de Nossa Senhora de Fátima. Grande número de cartas são de meninas jovens (em colégios ou liceus), que pedem a interceção de Nossa Senhora para os seus exames, testes, mas também para conservar, arranjar ou esquecer namorado (o futuro “pai dos meus filhos”, expressão várias vezes usada). Por exemplo, uma menina, de Lisboa, que se identifica como “uma rapariguinha”, pede «alguém a quem eu amasse e que também me amasse acima de tudo e com fervor.»²⁴ Ou estoutra menina, do Porto, que recorre à Mãe do Céu, para «um especial pedido», um «milagre», que uma determinada pessoa – que explicita o nome completo – «volte para mim».²⁵

Facetas igualmente expostas por António Marujo, encontrando nesse tipo de mensagens a moralidade da época («Que não tenha maus pensamentos», pede uma carta), que impunha restrições aos próprios pensamentos, simbolizados no termo “tentações”, expressão quase sempre referida a comportamentos morais-sexuais: «que não tenha maus pensamentos e que não consinta neles»; «[...] Eu tenho 18 anos, uma idade formidável, mas cheia de tentações. Ajuda-me e acompanha-me na minha vida sempre», pede, em maio de 1967, uma aluna a frequentar um colégio do Norte (*Apud* Marujo 2020, p. 54). Perante os obstáculos iminentes e as dificuldades próprias do ciclo do desenvolvimento pessoal – já não se é menina, mas ainda não se tem aceitação no mundo dos adultos –, recorre-se ao transcendente, perante o qual se fazem as mais íntimas confidências (p. ex., nos avanços sexuais do pai perante a filha²⁶, ou o menino seminarista, que mexe no sexo da irmã²⁷), e em quem se depositam todas as esperanças.

Naquele contexto, dois aspetos nos parecem de especial realce. Por um lado, só em poucas exceções, como referido atrás, se vislumbram mensagens a raiar a dimensão mística, isto é, a real experiência do sagrado está fora do âmbito das expressões de intimidade com Nossa Senhora de Fátima. De uma forma geral, apesar da “intimidade relacional”, as expressões são predominantemente, baseando-nos na terminologia de Mircea Eliade, do domínio do religioso²⁸, da exterioridade, por vezes próximas do

²⁴ Cx. 0037, Mç 5, de Lisboa, de 8-5-1969.

²⁵ Cx. 0037, Mç 5, do Porto, de 4-5-1969.

²⁶ Cx. 0037, Mç 6, sl, de 21-5-1966. Não ficam claras eventuais concretizações.

²⁷ Cx. 0037, Mç 2, de Fátima, 31-5-1966.

²⁸ Este tema do sagrado-religioso, no pensamento de Mircea Eliade, e a propósito dos escritos diarísticos da Irmã Lúcia, pode ver-se o nosso artigo Gama, M. (2021). A Fenomenologia da Religião (Mircea Eliade) e os Escritos da Irmã Lúcia (1907-2005), em *Pensar Fátima, leituras interdisciplinares. Atas do congresso*

“mercantilismo” (a tónica do “pedir” é a mais comum). Por outro lado, do ponto de vista teológico, é interessante verificar a agudeza de espírito sobre a “hierarquia” divina, ao tomar Nossa Senhora apenas como intermediária, como intercessora: «Peço ao Teu Filho por intermédio de ti que me conceda várias graças, pois sem a sua ajuda não posso obter nada cá na terra, visto Ele ser o Senhor de tudo.»²⁹ E de jovem estudante que diz: «Pedi [Mãe do céu] a Jesus por mim.»³⁰

De qualquer modo, apesar de tantos horizontes possíveis, é na dimensão do Mistério que, quanto a nós, se insere o cerne das mensagens enviadas para o denominado Correio de Nossa Senhora.

4.7. –Deus poderia ter a forma de mulher?!

Hoje, com a aproximação à igualdade de género (nalgumas culturas, claro); com o protagonismo do “relacional”, do “sentimento”, do “afeto”³¹ (depois de séculos a ver o homem como ser “racional”); com as novas orientações da Antropologia Filosófica, no século XX; a imagem de Deus (que nunca ninguém viu!) não poderia ser na figura de Mulher? Em Fátima, como procurámos evidenciar, os contornos do religioso são predominantemente de cariz “feminino”: tanto na Entidade supranatural, como na preponderância das crenças. De uma forma geral, a figura materna é mais protetora, como cada um experencia e o confirmam as palavras da psiquiatra Luísa Gonçalves, «”A figura materna é uma figura protetora, de proteção quase mágica”» (*Apud* Marujo 2020, p. 171), conforme já referido.

Quando, por exemplo, a *Bíblia* tenta definir Deus como «Eu sou Aquele que sou» (no *Antigo Testamento*) e «Deus é Amor» (no *Novo Testamento*), tudo se pode concluir no plano lógico, pois em Deus como “Ser” ou Deus como “Amor” não há lugar a género. Portanto, Deus é Pai e Mãe. Dar-Lhe um género é querer ver no espaço-tempo Alguém que o transcende. Algo que as palavras do filósofo e teólogo Anselmo Borges, num texto intitulado “E se Deus fosse mãe?”, vêm confortar a nossa ideia: «Os crentes sabem que Deus não é masculino nem feminino, pois está para lá da determinação sexual.» E continua afirmando que qualquer representação, de um modo geral, é expressão do seu

internacional do centenário de Fátima, Coordenação de Marco Daniel Duarte e Pedro Valinho Gomes, Vol. I, (pp. 307-329). Fátima: Edições do Santuário de Fátima.

²⁹ Cx. 0037, Mç 2; de Braga, de 7-6-1966,

³⁰ Cx. 0037, Mç 2; sl e sd; chegada ao Santuário em 1966.

³¹ Nessa direção e conclusão têm sido as largas investigações, por exemplo, de António Damásio, de que é exemplo bem ilustrativo o seu último livro, Damásio, António, (2020). *Sentir & saber. A caminho da consciência*, Lisboa: Temas e Debates.

tempo: «Essas representações são sempre condicionadas pelo espaço e pelo tempo, pela cultura, pela sociedade, pela história, ao mesmo tempo que condicionam elas próprias a história, a cultura, a sociedade, a visão do mundo.» (Borges, 2015).

Em complemento à ordem do raciocínio anterior, frei Bento Domingues vem acrescentar: «”A familiaridade de Fátima é uma revolução”. Os peregrinos dirigem-se “à pessoa com quem falam, a quem rezam, com quem estão, em quem têm confiança”. E acrescenta: “É uma revolução na religião. O que conta não é a religião nas instituições, mas antes no percurso que eu faço.”» (Apud Marujo 2020, p. 37) Frei Bento Domingues foca mesmo aí a originalidade de Fátima, elucidando que

A Fátima dos segredos [...] não se confunde, totalmente, com a das grandes peregrinações, enquadradas por Papas, cardeais, bispos e padres^[32]. A grande originalidade de Fátima talvez consista nessa distinção e nessa coexistência. Cada um tem direito a viver a relação com as ‘Aparições’ como quer e não tem de pedir a aprovação de ninguém. Nesse aspeto, é a religião da liberdade individual. Mas não é uma religião ‘selvagem’. Está integrada na mais oficial liturgia da Igreja [...]. Fátima pode inserir-se nos processos contemporâneos de recomposição individual da crença e de ‘destraditionalização’ do religioso em Portugal. (Apud Marujo 2020, pp. 75-76).

Referências

1. Referências relativas às mensagens à guarda do Arquivo do Santuário de Fátima

- Alves, G. (2017). Deste Vale de Lágrimas. *Cadernos de divulgação do CEHA*. (7), 1-16.
Acessível em:
https://www.academia.edu/33365604/DESTE_VALE_DE_L%C3%81GRIMAS
- Franco, A. (2020). As perguntas primordiais na existência humana. Em *A Caixa de Correio de Nossa Senhora* (pp. 205-211). Lisboa: Temas e Debates.
- Marujo, A. (2020). *A Caixa de Correio de Nossa Senhora*. Lisboa: Temas e Debates.
- Marujo, A. (2021a, 13 de maio). Our Lady of Fatima’s Mighty Correspondence. *Catholic Herald*, pp. 1-6. Londres.
- Marujo, A. (2021b, 22-28 de maio). El buzón de la Virgen. *Pliego*, 23-30. Madrid.

³² Ilustrativa deste enunciado, que, por diversas vezes Frei Bento Domingues, nas suas crónicas periódicas ou nas suas palestras, tem relatado, é esta curiosa e exemplar história, que António Marujo também inclui no seu livro (Marujo 2020, pp. 74-75). O bispo Manuel Vieira Pinto (1923-2020), ao ver uma senhora em atitude rastejante, apoiada no marido, junto da Capelinha das Aparições, em Fátima, cumprindo uma promessa a Nossa Senhora, aproximou-se dela e tentou dissuadi-la a mudar a radicalidade da sua prática. A senhora manteve-se em silêncio, mas, de repente, dá resposta esta ao bispo: “Ouça lá, não foi a você que eu fiz a promessa?! Então, meta-se na sua vida e não me aborreça mais.”

2. Referências gerais

- Barreau, J.-C. (1976). *A oração e a droga*. Braga: Editorial Franciscana.
- Borges, A. (2015, 28 de março). E se Deus fosse mãe? *Diário de Notícias*. Lisboa.
- Damásio, A. (2020). *Sentir & Saber. A caminho da consciência*. Lisboa: Temas e Debates.
- Gama, M. (2021). A Fenomenologia da Religião (Mircea Eliade) e os Escritos da Irmã Lúcia (1907-2005), em *Pensar Fátima, Leituras Interdisciplinares. Atas do Congresso Internacional do Centenário de Fátima*, Coordenação de Marco Daniel Duarte e Pedro Valinho Gomes, Vol. I, (pp. 307-329). Fátima: Edições do Santuário de Fátima.
- Gómez-Acebo, I. (2001). *Así vemos a Dios*. Bilbao: Desclée De Brouwer.
- Macedo, A. G. e Amaral, A. L. (2005). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Afrontamento.
- Neruda, P. (2009). *Confesso que vivi*, Mem Martins: Publicações Europa-América
- Peck, M. S. (2018). *O Caminho Menos Percorrido* (9ª ed.). Barcarena: Presença.
- Toldy, T. M. (1998). *Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista*. Lisboa: Paulinas.
- Toldy, T. M. (2005). Teologia Feminista. Em *Dicionário da Crítica Feminista*. 184. Porto: Afrontamento